ORACAM FUNÈBRE
NAS EXEQUIAS
DA SERENISSIMA RAINHA, E S.N.
D. MARIA SOFIA ISABEL DE NEOBURG,
CELEBRADAS NO REAL MOSTEYRO DE S.Dinis de Odivellas no dia 19.de Outubro de 1699.

PREGOU-A

DOM PEDRO DA ENCARNAC,AM,
Conigo Regular de Santo Augustinho da Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra,

E A DEDICA

AO EMINENTISSIMO SENHOR
LUIS DE SOUSA,
CARDEAL DA SANTA IGREJA DE ROMA, Arcebispo de Lisboa,do Concelho de Estado de Sua Magestade,& seu Cappellaõ Mòr, &c.

LISBOA.
Na Officina de MANOEL LOPES FERREYRA.

M. DCC.
Com todas as licenças necessarias.

AO EMINENTISSIMO SENHOR

LUIS DE SOUSA,

CARDEAL DA S. IGREJA DE ROMA, Arcebiſpo de Lisboa, do Concelho de Eſtado de Sua Mageſtade, & ſeu Cappellaõ Mòr, &c.

E para ſe illuſtrarem as ſombras, ſó pódem contribuir alentos os reſplandores, nos ſublimes quanto magnificos luſimẽtos de V. Eminencia buſca o mais brilhante patrocinio a minha ignorancia, ſeguro de que os preciſos obices da cenſura poſſaõ desluſir èſte funebre Panegyrico; pois conſeguirà nos reſpeytos do Mecenas o que póde recear nas faltas do Orador. A obediencia de hum Superior, & repetido preceyto me fez ineſcuſavel repreſentar aos olhos do mundo o que ſó merecia os carceres do ſilencio: porèm conſiderey ao meſmo tempo, q̃ ſe mais que todos devia eu manifeſtar hũ inextinguivel ſentimento, ainda era eſte limitado ſacrificio; pois quem attender a motivo taõ ineſcuſavel, conſiderarà ſó que quiz gravar nas letras os ſuſpiros, ſem intro-

dusirse a especulaçaõ dos erros. Com este salvo conduto dedico a V. Eminencia esta exterior victima do meu pranto, por todas as rasões devida, & por todos os motivos justificada: porque se o leal affecto de V. Eminencia manifesta ainda o sentido excesso da sua magoa, pelo muyto que a Rainha N. S. que Deos tem, soube estimar as prendas de V. Eminencia, a quem se podia offerecer este luctuoso holocausto, senaõ a quē acerta a fabricar durações no sentimento? No relevante discurso de V. Eminēcia adquire este Panegyrico outro motivo inevitavel para se lhe consagrar; pois se só sabe sentir aquelle que acerta a conhecer, como V. Eminencia terà o melhor conceyto de taõ penosa falta, qualificarà com melhor attençaõ esta incomparavel pena. Finalmente se quanto mais elevado se sublima o monte, mais seguro de injurias se jacta o valle, no soberano monte de V. Eminencia terà o valle da minha insufficiencia as melhores sombras; em que só peço a V. Eminencia desculpe hũa ousadia fabricada na officina do affecto, para expressaõ de hum rendimento o mais obrigado, que espera em V. Eminencia o auxilio mais generoso. Guarde Deos a V. Eminencia.

Mais humilde Orador, & servo de V. Eminencia.

D. PEDRO DA ENCARNAC,AM.

NA

NA ORAC,AM FUNEBRE, QUE O M.R.P.M. Dom Pedro da Encarnaçaõ, Conigo Regular da Ordem de Santo Augustinho, fez nas Exequias da Sereniſſima Rainha N. S. no Real Convento de S. Dinis de Odivellas.

DE TROILLO DE VASCONCELLOS

SONETO.

AQuella dor mortal hoje explicada
De ſuperior alento, ſe duvîda,
Se executada he mais para ſentida,
Se repetida he mais para chorada?
Mas quando alta eloquencia ſuperada
A verdade deyxou por excedida,
Mais atormenta a magoa perſuadida,
Menos avulta a pena executada.
Sendo cruel eſtimulo ao tormento,
Mayor ſaõ da alma horror, da vida eſpanto
Paſmo a elegancia, a narraçaõ portento.
Obſequio ſabio a ſentimento tanto,
Que mais cultos dedica ao ſentimento
Quem mais motivos multiplica ao pranto.

DO SENHOR DE MELLO

DECIMAS.

DE sorte nos elevastes
Neste Sermaõ que fisestes,
Que a magoa nos suspendestes
Quando a dor nos recordastes:
Hũa maravilha obrastes
Com a luz do entendimento,
Pois em tanto sentimento
Pudestes para mais gloria
Trazer a perda à memoria,
E tirar o uso ao tormento.

Suspendeo-se em cada qual
Martyrio taõ excessivo,
Porque entaõ o sensitivo
Se deu todo ao racional:
Naõ teve forças o mal,
Que ouvindo a vossa Oraçaõ,
Se embargou toda a afflicçaõ
De taõ justo sentimento;
Porque a tras do entendimento
Foy tambem o coraçaõ.

DO M.R.P.M. DOM LEONARDO DE S. Joseph, Conigo Regular de S. Augustinho, & Prégador de Sua Magestade.

DECIMA.

ESta Oraçaõ funeral,
Que tanto a fama apregoa,
He digna de ser coroa
Sò do tumulo real:
Se logra vida immortal

A que reyna em paz sagrada,
Nesta Oraçaò celebrada
Se vè melhor esculpida,
Por ser retrato da vida
Morte que foy taõ chorada.

HEU,

HEU, HEU, HEU DOMINE DEUS, ergo ne decepisti populum istum, & Jerusalem, dicens: Pax erit vobis: & ecce pervenit gladius usque ad animam? Hierem. cap. 4.

Muyto alta, & muyto poderosa Rainha, & senhora nossa, sempre nossa pelo affecto, jà mais alta pelo throno, & nunca mais poderosa pelo celestial dominio.

ORRROROSAS batalhas do pensamento, caliginosas representações do discurso, se sabeis fomentar o estrago dos accidentes, para quando reservais o afogo dos desmayos? Se na vacillante confusaõ das penas titubea o entendimento entre as ansias, como naõ rópe o fatal excesso das ansias nos tristes precipicios, que lhe persuadem as penas? Funebres afflicções, tenebrosas imagens, irremediaveis lembranças, saudosas potécias, obscuros perturbadores objectos, atrozes melancolicos ministros, ou haveis de assistir para o incessavel tormento, ou transcende a vossa esfera o superior quebranto. Se em caracteres de lagrymas perpetuas gravàraõ os Egypcios as saudades penosas, que na falta daquella irracional Deidade profanàraõ o sentimento com a vil reverencia.

Barbara Memphitem plangere docta bovem. — *Tibul. l. 1 el. eleg. 2.*

Como seraõ desta angustia os destroços, se se medem pela grandesa

grandeſa os deſalentos? Como ſerà dos prantos o combate, quando fabrica a meſma raſaõ o parociſmo? E como ſe pódem as agonias remediar, quando naõ ſe alcançaõ as faltas a ſuſpender? Aquelle aſſombro dos reſpeytos, aquelle eſtimulo dos agrados, aquella Clicie das virtudes, & aquelle firmamẽto das perfeyções, cançada dos breves eſpaços da vida humana, paſſou a eſmaltar os thronos da gloria divina; a Sereniſſima Senhora Dona Maria Sofia Iſabel de Neoburg, naõ ſó Rainha pela caſualidade do conſorcio, mas tambem Monarca das võtades no dominio. Oh morte quanto arraſtaõ os teus rigores! Quanto conſeguem os teus atrevimentos! Pois naõ ſó desbaratas dos corpos o animado, mas ainda deſtroes das almas o ſenſitivo! Oh tormento venenoſo da auſencia, que poderoſa eſgrimes a actividade, pois quando ſaõ as vozes remedio das laſtimas, augmentas as laſtimas com as meſmas vozes! Neſtes funebres epithalamios, neſtes tragicos lutos, neſtes horrendos Mauſeolos, & neſtes palpitantes eccos, ſe deſenterra da afflicçaõ a memoria, que jaz do coraçaõ na vivente ſepultura; morta para os ameaços, viva para os golpes, defunta para as alegrias, inextinguivel para as triſteſas, falecida para as conſolações, & animada para as infelicidades. Mas ſe do Cyſne a nevada conſtante valeroſa harmonia manifeſta em vozes a proxima funeral deſgraça:

Martial Epig. *Dulcia defectâ modulatur carmina linguâ*
Cantator Cygnus funeris ipſe ſui.

Expliquemos em ſuſpiros a noſſa morte, repitamos em vozes a noſſa mágoa, & ao ardente fogo das melancolias faça atear o proceiloſo das queyxas: que aonde ſe admiraõ Etnas os ſacrificios, haó de ſer lavaredas os acentos.

Myſterioſa rhetorica, & diſcurſiva materia nos offerece para a explicaçaõ dos queyxumes aquelle ſentido Profeta Jeremias. Vendo de Jeruſalem a deſtruiçaõ infauſta no vaticinio da Mente Divina, reparando dos Principes o fatal eſtrago, & notando do povo o lamentavel deſvelo, formando da meſma dor penetrantes ſyllabas, mandava ao Ceo brados neſtas ma-

viosas

viosas palavras: *Heu, heu, heu Domine Deus, ergo ne decepisti populum istum, & Jerusalem, dicens: Pax erit vobis: & ecce pervenit gladius usque ad animam?* Ay, ay, ay Senhor Deos Omnipotente, por ventura enganastes a Jerusalem, & a este povo, pois quando promettieis da paz os mayores lauros, nos atravessa a espada da alma os espiritos? Estas saõ as palavras que tomey por thema, & estas nas que se cifra da nossa dor a magoa; pois no tempo da paz promettida nos fere da afflicçaõ a espada penosa. Vamos miudamente especulando o que vagarosamente estamos sentindo. Que seja figura de Jerusalem expressa esta gloriosa maravilha defunta, he taõ evidente nos conceytos, como infallivel nas exposições; pois se Jerusalem se interpreta visaõ de paz: *Visio pacis*, por quem logrou este Reyno a vista da paz desejada, senaõ por esta flor suprema, que suspendendo as ameaçadas guerras de hũa atenuada geraçaõ, deu em multiplicada successaõ de fruttos a melhor paz? He Jerusalem herança, como diz Laureto: *Hierusalem secundùm aliquos interpretatur hæreditas ipsis.* E foy a nossa Rainha excelsa quem vinculou no Reyno a melhor, & mais certa herança. Significa Jerusalem a consciencia pura, & a alma santa, como affirma Bercorio: *Hierusalem est anima sancta, & conscientia pura*, & nesta mystica Jerusalem admiramos na vida a mais pura consciencia, & cremos piamente na morte a santidade da alma. Representa Jerusalem a Cidade da misericordia, como notou meu Padre S. Augustinho: *Designat Hierusalem cælestem Civitatem piorum.* E a misericordia deste assombro coroado publica todo o povo afflicto, & divulga dos pobres o pranto saudoso. E se Jerusalem, como notou Bercorio, he especiosa nos intrinsecos rayos, virtuosa nos exteriores lusimentos, & gloriosa nos superiores celestes triunfos: *Hierusalem est speciosa latens interius, virtuosa manens inferius, gloriosa gaudens superius*; temos nestas tres mysteriosas excellencias da vida, & da morte as rutilantes prerogativas; pois na vida resplandeceo nos intrinsecos esmaltes da alma, exornados dos exteriores

Index.

Lauret. Sylv. alleg.

Berch. tom. 3. p. 2. verb. Hierus.

D. Aug. sup. Ps. 121.

Berch. ubi sup.

res complementos da virtude, & na morte gozou os elevados thronos da Gloria. Finalmente naõ se encontra circunstancia algũa em Jerusalem, que naõ seja hum vivo matiz de seus primores, como manifestarey repetidamente nos discursos.

Se attendermos ao povo, a quem chora enganado o Profeta, veremos retratada deste Reyno a essencia: *Populum istũ, idest, populum Dei*, verteo Theodoreto. O povo de Deos, que propriamente he o de Portugal, como disse elle mesmo a seu primeyro Rey: *Imperium mihi stabilire*. Se olharmos a paz promettida: *Pax erit vobis*, he a prosperidade presente: *Idest, prosperitas erit*, leu Hugo Cardeal. Se especulamos o engano: *Decepisti*, he nas ruinas deste ameaço: *Quia pacem promisisti; cum hîc mineris excidium*, disse S. Jeronymo. Se notamos, porque o appellida fallencia, veremos que he só por explicar a angustia: *Quod dicit Propheta: non quòd putet Deum decipere aliquem, sed ad insinuandum animi sui dolorem*, advertio Dionysio Carthusiano, he pergunta sem affirmaçaõ: *Non asserendo, sed interrogando*, notou Hareo. Se vemos o affiado cutello, que nos trespassa o espirito: *Pervenit gladius usque ad animam*, he a dor que penetra em ardores do coraçaõ os intimos affectos: *Usque ad animam, idest, usque ad intima, usque ad cor*, escreveo Alapide. E se olhamos desta ferida os objectos, os encontramos nas pessoas reaes, & no vulgo: *Usque ad intima cordium populi, & Principum*, disse Lyra; proprio retrato da nossa magoa, pois naõ só inclue do povo os precisos sentimẽtos, mas executa na Casa Real os inescusaveis golpes. O instrumento na espada cortadora: *Gladius*, he o tempo da paz presente: *Iste gladius est tempus pacis præsentis amarissimus*, moralizou o Cardeal Hugo; pois logrando a paz na successaõ appetecida, nos despedaça na saudade a amargura penosa, como prognosticou o Profeta Isaias: *In pace amaritudo mea amarissima*. E reparando ultimamente a materia triste dos suspiros: *Heu, heu, heu*, acharemos que nascem de ansias, & admirações: *Est una vox dolentis, & admirantis*, explicou

Theod. t. 1. in Jerem. c. 4.

Hug. in Jerem. cap. 4.

D. Hier. ad hunc locum.

Har. ad hunc locum.

Alap. ad hunc locum.

Lyr. gl. ad hunc locum.

Hug. ibi.

Isai. c. 38

Alap. ib.

explicou Alapide; pois admira a pena como profunda, & doe como estupenda, triplicando-se nas harmonicas agonias, porque inculca tres destruições: *Ponitur ter propter triplicem destructionem, scilicet Templi, Civitatis, & Populi*, especulou Lyra: o Templo, a Cidade, & o Povo; & assim se experimenta a nossa desgraça, pois destruhio aquelle animado templo de virtudes a morte, ferio a Cidade na Nobresa, & maltratou o povo na falta; porque nas tres procellosas ruinas se justificasse a triplicação das queyxas.

Lyr. ibi.

Temos a combinação do thema com as circunstancias da lastima, ficando desta os amantes desperdiços gravados na invisivel delicadesa dos eccos. Mas se para ensinar o pranto nas lugubres afflicções, constituhio a Gentilidade chorosas mestras, sejão liquido Norte das nossas lagrymas do mesmo thema as affligidas respirações. Em tres suspiros fogosos copîa o que em tão infelices despojos encerra; & para lamentar o perdido ausente lusimento, illumina os queyxumes este mysterioso numero. Tres circunstancias se reparão no bem, que sabe contrariar a vehemencia do mal: he o conhecimento, he o amor, & he a posse; o conhecimento do que o objecto merece, o amor com que se estima, & a posse com que se logra; o conhecimento attende á soberania, o amor repára a excellencia, & a posse se recrea na delicia: pois se, como ensinão os Filosofos, a falta de hũa fórma he cõsequẽcia da introducção de outra na materia, serà no bem perdido, & no mal logrado o conhecimento rayo, o amor verdugo, & a falta da posse tormẽto. Isto he o que sentidamente vemos, & magoadamente experimentamos; o conhecimento pasmava na grandesa, o amor adorava a altura, & a posse gozava a benignidade. Chegou a morte, & desatando o vinculo da fórma, ficou o conhecimento saudoso; ficou o amor desesperado, & ficou a posse desvanecida; oh que terribel he a ferida desta cruel espada, pois maltratou no conhecimento o discurso, trespassou no amor a vontade, & extinguio na posse os alentos de toda a alma! Isto he o que se nos chega a offerecer, & isto o que havemos de lamentar,

mentar, que se estiver tartamuda a pronuncia, melhor explica o caso a turbada eloquencia. Tres queyxas saõ as da magoa, & tres saõ as qu' profere o thema. Ay do conhecimẽto: *Heu!* Ay do amor: *Heu!* Ay da posse: *Heu!* Suspira o conhecimento o que perde: chora o amor o que deyxa; & lamenta a posse o que se lhe usurpa; & se no coração se escutão os gritos, na alma desfalecida respondem os eccos. Tres espadas nos tres brados, tres lanças nos tres suspiros, que reflectindo sobre a perda saõ desmayadas exhalações da alma: cõsidera o conceyto a seu nascimento, lẽbra o amor a sua vida, & manifesta a posse a sua morte, & nestas tres circunstancias fórma os intrinsecos ays. Ay da perda, ay da desgraça, & ay da ausencia! no nascimento vè o que logrou, na vida vè o que lusio, na morte vè o que perdeu; & nestes tres pontos mostrarey da afflicção os fios, & publicarey deste pasmo os mysterios. O primeyro ay he do que se perdeu no nascimento; o segundo do que se perdeu na vida; o terceyro, do que se deve chorar na morte. Dè pois principio, o suspiro doloroso, começando pelo primeyro.

Escondida na sagrada officina da incomprehensibilidade, se venera dos successos a indifferente maquina, que no fiel reconhecimento da dependencia estuda a incognita essencia da variedade. Dos mais communs vulgares acasos se originão ás vezes os mais elevados mysterios, & das mais repetidas casualidades se fabricão as mais portentosas maravilhas, que aonde manda o arcano occulto, não se distingue o espirito formado, & aonde a Omnipotencia imperceptivel impéra, a humana ousadia não especula. Acaso se armou David de rusticas munições, mas foy este acaso thesouro dos mayores mysterios. Acaso vio a Judith Holofernes, acaso repudiou Assuero a Vasti; acaso encontrou Christo a Samaritana; acaso se enamorou Páris de Helena, acaso alimentou a Romulo hũa fera, acaso erigio Prometheo a estatua; mas todos forão annuncios, todos se venerárão portentos; para que em Judith lograsse Bethulia liberdades, em Esther alcançasse Judea glorias, em

Christo

Christo tivesse a Samaritana indulgencias, em Páris padecesse Troya destruições; em Romulo conseguisse Roma alturas, & em Prometheo inundassem ao Caucáso discordias. São pois ás vezes os acasos tão legitimos filhos dos mysterios, que no incomprehensivel tronco da sua geração prodigiosa ostentão a herança pela primogenitura excelsa.

Esta irrefragavel conclusaõ do conceyto confirma a experiencia neste defunto assombro; pois olhando do seu nascimento os acasos, ao mesmo tempo que fórma a saudáde os suspiros, se arrebata a memoria especulativa dos portentos, sem que se encontre nelle circunstancia, que não possa venerarse maravilha. Foy a primeyra, nascer a nossa serenissima Rainha no Palacio do Benradio, fóra da Cidade de Dusseldorpio, magnifica plausivel Corte do Palatinado. Acaso foy este das agrestes venturas, mas pareceo gloriosa providencia das celestes disposições, que nascesse fóra da Cidade quem havia de ser redemptora de hum Reyno. Promulgouse aquelle decreto de Augusto, para se alistarem todos seus vassallos, & obediente o justo rendimento de S. Joseph, partio com Maria Santissima para dar ao preceyto satisfação inteyra. Chegou a Belèm a tempo, que comprindo-se das sagradas hebdomadas o numero, illustrou as terrestres esferas com o parto; porèm reparo que foy entre as rusticas humildades de hum presepio, por lhe negarem os homens o clemente refugio. Mas se o embaraço de Maria Santissima era legitima escusa desta jornada, porque se arrisca a tão penetrante injuria? Porque não espera em Nazareth o parto, & vay ao depois obedecer ao preceyto? Porque? Porque tudo foy mysterioso arcano: quem havia de nascer era Christo, Christo era Redemptor de seu Reyno, pois nasça no campo Christo, nasça fóra da sua Corte este assombro, & atropelle Maria tamanho obstaculo, para que acaso nasça no campo Christo, pois he mysterioso prodigio, que nascesse fóra da Cidade quem havia de ser Redemptor de hũ Reyno.

Luc. c. 2.

Fóra da sua Corte nasceo a nossa serenissima Rainha, que se

se deste Reyno quasi extincto havia deremir o lusimento attenuado, parece qué foy alento da divina idéa fazella mysteriosa nos primeyros passos da vida. No centro resplandecente do zenith possue a luminosa corte o Sol, mas desprezando do zenith as ardentes pompas, só nasce do Oriente nas humildes alegrias. Do fogo na actividade vehemente constitue o ouro a corte acrisolada, mas destituindo do incendio as fogosas claridades, nasce da terra nas rusticas habitações. Justo pois era, que a nossa Augustissima Rainha nascesse fóra de sua triunfante Corte, pois sendo sol nos rayos, ostentando-se ouro nos preços, com os rayos illuminou a esfera gloriosa, & com os preços resgatou esta Monarquia attenuada. E se attendo a hum curioso geroglyfico de hum discreto, admiro nisto de seu reynado o primeyro prognostico. Querendo retratar hum nascimento heroyco, pintou a mystica essencia de hum sceptro a quem adornava este titulo: *Olimarbos*. Antigüamente foy arvore o que hoje illustra a diadema; pois se á nossa serenissima Rainha se havia ditosa de coroar, mostre os diuturnos influxos ao nascer, & seja este effeyto prodigioso aonde nasce o insensivel desperdiço dos troncos, para tributar origens à elevação imperial dos sceptros.

Outro acaso nos offerece o nascimento, admirando a sua progenie, pois nasceo filha do serenissimo Principe Dom Filippe Uvilhelmo Eleytoral Conde Palatino, & unico filho do serenissimo Principe Uvolfango Uvilhelmo; & criado no berço das perfeyções, brilhou no mais luzente apparato das virtudes; herdando de seus inclytos pays o religioso zelo, cõ que illustrárão o Catholico esmalte; que bem se verificou nelle a divina promessa, que fez Deos por David à virtude: *Pro patribus tuis nati sunt tibi filii, constitues eos Principes super omnem terram.* A gloria de seus pays foy vaticinio da exaltação dos netos; vendo este excelso Principe a suas filhas no imperio universal das mais flámantes Coroas, como o diz Alemanha em celebres triunfos, como o publîca Hespanha em fulgidos lauros, como o confessa Polonia em bizarros alentos,

alentos; como o admira Parma em saudosos timbres; & como o chora Portugal em funebres epithalamios.

Unico nasceo (como digo) este generoso Principe, venturoso pay da nossa sereníssima Rainha, & neste acaso da providente fortuna parece que se vaticinou a nossa felicidade. Là dizia Salamão ao mundo, que lhe tributaria hum dom muyto precioso: *Donum bonum tribuam vobis*; & dando desta liberalidade a causa, diz que por ser unico filho: *Nam & ego filius fui patris mei unigenitus.* Pois por ser unico filho ha de contribuir ao mundo este lauro? Sim, que isso tem ás veses os acasos, que participão a realidade dos mysterios; pois no acaso de nascer Salamão unigenito fundamẽtou o bẽ que dava ao mundo ditoso. Assim dizia Salamão, & assim podia proferir o sereníssimo Principe Filippe Uvilhelmo no sẽtido accommodaticio: Salamão deu ao orbe hum bem glorioso, este excelso Principe deu ao mundo muyto dom supremo; justamente podia falar com Lusitania na joya inestimavel de tão suprema Rainha: *Donum bonum tribuam vobis*, concedervoshey hũa dadiva lusida; darvoshey hũa prenda generosa; que se Salamão por unico filho promette triunfos, & se os funda de hum acaso nos dominios, eu nestes mesmos acasos edifico o mayor tributo dos portentos: *Nam & ego filius fui patris mei ungenitus.*

Prov. 4. v. 2. & 3.

Decifremos jà no ultimo acaso de seu nascimento pasmoso o enfatico prodigio do trofeo mais soberano; & foy este, que quando nasceo a nossa sereníssima Rainha celebrava Portugal em jubilosos applausos os regosijados plausiveis consorcios do sereníssimo Rey Dom Affonso VI. com a sereníssima Rainha Dona Maria Isabel Francisca de Saboya, por cujo chorado lamẽtavel occaso entrou a nossa sereníssima Rainha neste Lusitano emisferio. Raro acaso do successo, mas notavel elevação do arcano! Pois para estabelecer a Coroa Portuguesa, parece que se erigio esta mysteriosa maravilha: eu me declaro. Nasceo Christo para Redemptor universal do mundo, & influidos os Magos de reveladas claridades, lhe vierão a dedicar ob-

ſequioſas adorações: porèm reparo no meſmo capitulo, em que refere a Eſcrittura eſte ſucceſſo, os diverſos titulos, com que a Mageſtade o appellida, & com que o Evangeliſta S. Mattheus o exalta; o Evangeliſta chama a Chriſto Jeſus: *Cũ natus eſſet Jeſus.* Os Magos o divulgão Rey: *Ubi eſt qui natus eſt Rex?* Pois que he iſto? No meſmo capitulo tal differença de vozes, & tão diverſo timbre de epitetos? Quando naſceo Chriſto não era Rey? Não ſe deſpoſou com a terra pela união hipoſtatica, para conceder os fruttos da Redempção promettida, como notou com muytos o doutiſſimo Alapide: *Chriſtus in Incarnatione celebravit ſponſalia?* Pois ſe o titulo da redempção foy o de Rey, que lhe puſerão na Cruz J. N. R. J. porque no Naſcimento ſe chama ſó Jeſus, & porque na adoração ſe publîca Rey? O Evangeliſta lhe dà o nome commum, & os Reys lhe tributão o excelſo? Sim, que os Reys virão a grandeſa de Chriſto no oriente de hũa nova Eſtrella: *Vidimus ſtellam ejus in Oriente*; & como no Naſcimento deſte Aſtro ſe exaltava a gloria de Chriſto, por iſto lhe dão o titulo de Rey, que foy o ultimo brazão de Redemptor, porque no naſcimento de hũa eſtrella quiz Chriſto ſymbolizar a ſublimidade: *Ubi eſt qui natus eſt Rex? Vidimus ſtellam ejus.*

Matth. cap. 2.

Alap. in Luc. c. 12.

Aſſim parece que aconteceo á Coroa de Portugal, pois ſe lograva hum vittorioſo Rey, não era ſó pelo deſpoſorio preſente, ſenão porque naſcia hũa eſtrella nova, em cujo eſplendor ſe afiançava a eſta Coroa o eſmalte de ſeu Rey na feliz deſejada ſucceſſaõ. Que Chriſto não ſe intitula Rey quando cõ a terra ſe caſa, ſenão quando a eſtrella apparece; pois ſe o titulo de Rey era o eſmalte de Redemptor, não o permitte no Naſcimento proprio, ſenão no da Eſtrella reſplandecente: *Vidimus ſtellam ejus in Oriente.* Agora entendo o que diſſe S. Leaõ Papa falando na ventura de Abrahão: *Patriarchæ Abrahæ innumerabilis fuerat ſucceſſio; ad credendum ergo promiſſam poſteritatem ortu novi ſideris excitatur*, que ſe lhe prometterão a Abrahão innumeraveis ſucceſſões, mas para

D. Leo, ſerm. 3. de Epip. cap. 2.

para o credito destas felicidades o animou de hũa nova estrella o nascimento. Da mesma sorte a Portugal fez Christo fecundas promessas: *In te, & in semine tuo: respiciet, & videbit*; mas tambem de hũa estrella o Oriente foy da mysteriosa palavra o credito; bastavalhe a Abrahão para a successaõ promettida casar com Sara, mas quiz Deos annunciasse o nascimento de hũa estrella, porque repetidos em Portugal os profundos gyros do mysterio, se venerassem as intrinsecas luzes do acaso.

A mesma Sabedoria Divina parece que vaticinou esta dita expressa: *Oportet prævenire Solem ad benedictionem tuam, & ad ortum lucis te adorare*; mystico, & literal assombro se encerra neste intricado Texto. Que convinha (diz) prevenir para a benção o Sol por adorar a Deos no oriente da luz. Assim foy este acaso com tanta illuminação de prodigio; pois no mesmo tempo, em que recebia o senhor Dom Affonso VI. como Sol as bençãos da Igreja, radiava o nascimento da luz na nossa sereníssima Rainha; para que adorando de Deos a palavra promettida, lograsse este Reyno a successaõ suspirada: *Oportet prævenire Solem ad benedictionem tuam, & ad ortum lucis te adorare.*

Sapient. cap.16. D.28.

Justamente pois illustra a nossa sereníssima Rainha com o titulo de Jerusalem o meu thema, pois jà neste sagrado epiteto se incluhio pelo Profeta Isaias este lauro. Fala com Jerusalem, & diz que a sua luz serà guia do Mundo, & o explendor de seu nascimento gloria dos Reys da terra: *Et ambulabunt gentes in lumine tuo, & Reges in splendore ortûs tui*; & assim se comprova neste acaso, pois no luzente resplandor de seu nascimento se figurou a excellencia do Lusitano Real throno, & os Reys que naquelle consorcio se podião prometter, erão os que no seu nascimento alcançava a prognosticar: *Et Reges terræ in splendore ortûs tui.* Oh prodigio assombroso do entendimento! Mas rigoroso objecto do pranto! Que quanto mais se especulão as soberanas excellencias, mais se augmenta a inextinguivel corrente das lagrymas! Como he

Isai. 60.

possivel que sofra o alento, como he factivel que se tolere o destroço, se no nascimento descobre tantas prendas generosas, que fluctuando o coração em ansias ausentes, nem alcança a saudade remedio, nem consegue a memoria lenitivo, pois fomentando a lembrança o naufragio, cada prerogativa he hum rochedo, cada prenda he hum penhasco, cada reparo he hum perigo, cada discurso hum despenho, & no penetrante Scylla das magoas, no cruel Carybdis das penas só póde ser Iris das tempestades procellosas a cõtinua exhalação das queyxas doloridas: *Heu, heu, heu.*

O segundo suspiro desmayado he do que se perdeo na vida gloriosa, & aqui como mais intrinsecas as afflicções, atormentão mais terribeis as agonias; porque crescendo a cada passo o fatal horroroso parocismo, và fomentando a barbara usura dos alentos no infeliz caliginoso emprestimo dos estragos. Doze saõ as agudas pontas, que trespassaõ na consideração as almas, nos doze annos venturosos, que illustrou a nossa Serenissima Rainha os dominios Lusitanos, que se bem era mais prolongada a sua idade, & mais excelsamente dilatada a sua vida, só nos permittio doze felices annos a sorte; & só destes nos elevados progressos lamentaremos os desvanecidos ausentes triunfos; & justamente ainda prescindindo desta idéa experimental, o confirma do cõceyto a especulação mysteriosa; pois se só doze annos reynou, só forão estes os que viveo; porque a vida dos Reys não se conta pelo natural estado, pois só se numéra pelo imperial governo, & não dão principio aos alentos da vida até que possuem a Coroa.

Com as suaves preferencias de Pay exalta aquelle Increado, & Eterno, a seu Unigenito Filho Christo, falando pelo Real Profeta: *Filius meus es tu, ego hodie genui te*; mas notem o *hodie*: Vòs sois meu amado Filho, a quem gerey hoje: quando he este hoje? No seu Nascimento, affirma meu grãde Augustinho: *Ille dies, quo Jesus Christus secundùm hominem natus est*; mas notaveis reparos! Se o Padre Eterno està todos os instantes gerando a Christo, como diz expressamẽte que

Psal. 2. v. 7.

D. Aug. in Ps. 2.

que no dia de seu Nascimento? Mais: passemos esta difficuldade, pois dirão que fala na temporal geração; mas temos outra mayor duvida. Se no dia da Encarnação foy a temporal geração de Christo, como diz que no dia do Nascimento? O homem não se gera quando nasce, pois como Christo neste dia se gera? Como? O Psalmo desata a duvida: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo*: neste dia foy Christo constituido novamente Rey: ah sim? Pois conte-se desde este dia a geração, que ainda que fosse antecedente, ainda que se admirasse mais prolongada, neste dia recebe a Coroa, neste dia dà principio à Magestade, & a vida dos Reys não se conta pelo natural estado, pois só se numera pelo imperial governo, & não dão principio aos alentos da vida até que possuem a Coroa: *Ego hodie genui te*. Doze annos pois forão os que viveo a nossa sereníssima Rainha, pois doze annos possuhio o esmaltado timbre da Coroa, & estes saõ o objecto das minhas vozes, porque saõ a tyranna meta das nossas lagrymas.

Se se houvessem de contar as virtudes, que executou nestes doze annos, ou se precipitàra o entendimento perigoso, ou finalizára o espirito considerativo. Notemos pois só o que póde caber na limitada brevidade deste funebre narratorio, & acharemos assombros nas excellencias, & pasmos nas circunstancias. A primeyra foy a Oração frequente, em cujo arrebatado exercicio devoto, eximindo-se das aulicas atractivas reverencias, gastava no dia repetidas horas. Que evidente sinal abrazado do bem que concedeo a este Reyno ditoso! Pois não só o manifestou nas fecundas soberanîas, mas tambem nas devotas orações, porque a oração de hũa Rainha póde mais, que deprecaçóes de todo hum Reyno. Em incessaveis prátos, em continuos gemidos pedia a Deos Mardoqueo suspendesse a vexação de seu povo, sacrificando juntamente com elle victimas, & exercitando todos fervorosas penitencias; mas não deferio a esta supplica a divina misericordia, ou memorialmẽte indignada, ou inaccessivelmente secreta. Converte a Rainha Esther as regias delicias em abrazados holocaustos de orações:

Deprecabatur Dominum Deum Israel, & logo compadecido o celestial dominio, mudão-se em trãquillidades as furias, em glorias as perseguições, em trofeos as humildades, & em applausos as ignominias; falando a Esther Assuero, & conseguindo a liberdade o povo: *Hanc enim diem Deus omnipotens mœroris, & luctûs eis vertit in gaudiũ.* Pois se Mardoque o pede, se todo o povo roga, só Esther alcança? Sim, que Esther he Rainha com orações, Esther he Rainha com affectuosas victimas, & he de tal sorte a oração de hũa Rainha, q̃ póde mais que as deprecações de todo hum Reyno: *Deprecabatur Dominum Deum Israel.*

Esther cap. 16.

Com successivas orações pedia este Reyno a Deos os fundamentaes alicerces da successaõ; mas quiz o seu clemente arcano, que fosse a nossa sereníssima Rainha o instrumento, não só nas materiaes pompas, mas tambem nas mysticas prerogativas. Porèm que muyto se na segunda circunstancia deste discurso attendermos da caridade ao abrazado excesso, que em tantas, & tão justificadas esmolas ainda mereceo mais, que nas compayxões, nas cautelas; liberal com grandeza, prodiga sem calumnia, generosa sem esperança, grandiosa sem soberba, magestosa sem jactancia, & sempre clemente sem publicidade; ajustando se ao preceyto de Christo, buscava opportunidades para o segredo: *Sit eleemosyna tua in abscondito*; pois informando-se com casuaes disfarces das pessoas necessitadas, as mandava soccorrer com abundancias occultas. Pasmem as historias da Emperatriz Santa Helena, porque executou tantos actos de caridade, como o servir aos pobres, o assistir aos necessitados, & cõsolar aos affligidos, porque nesta Augusta misericordiosa Rainha se venere tão primorosa circunstancia. Não se celebrem jà os publicos dispendios de Placilla, pois os fez reprehendidos a manifestação: que da nossa sereníssima Rainha as clementes dadivas palpitão no escondido resplandor das magnificencias.

Matth. c. 6. v. 4.

Niceph. Callig. l. 8. c. 31. Eccles. hist. Id. l. 12. cap. 42.

Mas para que se cança o discurso em buscar comparações, se só em hũa circunstancia tẽ as mais estranhas singularidades?

Não só deu Sua Magestade esmolas, não só lavou os pés dos pobres, mas (oh prodigiosa soberanîa da mais esquecida bellesa!) não lembrando-lhe as supremas altivesas da Magestade, curava com as proprias mãos as immundicias enfermas dos pobres. No mesmo tempo, em que a estranhesa de tão encendido sacrificio movia as circunstantes ao mais repugnante tédio. Mas que muyto, se he de tal categoria esta virtude, q̃ passa os limites da comprehensaõ, & fluctua entre os obstaculos do credito, porq̃ abaterse a Magestade a tocar a immundicia, chegar a Altesa aonde jaz a asquerosidade, he prodigio com taes circunstancias, que parece impossivel entre as maravilhas.

Chegou a Bethania Christo para resuscitar a Lazaro, & duvidando Martha esta gozoza ventura, mostrou a Christo as difficuldades nesta palavra: *Domine, jam fœtet, quatriduanus est enim*, Senhor, (dizia Martha) não vos canceis, q̃ jà està Lazaro corrupto, & asqueroso, porque tem quatro dias de defunto. Mas como? Duvìda acaso Martha o poder de Christo? Não póde ser: pois acaba de confessar no mesmo instãte que Christo não estivesse ausente, não seria Lazaro falecido: *Domine, si fuisses hìc, frater meus non fuisset mortuus*. Pois q̃ se he isto? No mesmo tempo em que publìca o poder, duvìda do milagre? (Assim parece pela reprehensaõ que lhe deu Christo: *Non ne dixi tibi, quoniam si credideris, videbis gloriam Dei?*) Se encõtra capacidade em Christo para o sarar da enfermidade, não a acha para o resuscitar da morte? Lazaro vivo póde ser objecto do pasmo, & morto impugna o prodigio? Sim, que estava asqueroso: *Jam fœtet*, & fazer Christo hum milagre he possivel; mas chegar à asquerosidade parecia a Martha difficultoso. Chama o Senhor: *Domine*, diz que jà està immundo: *fœtet*, pois parecelhe impossivel o milagre, q̃ aquelle *Domine*, & aquelle *fœtet*, tem repugnancia. Curar Christo a Lazaro vivo he facil, chegar Christo a Lazaro asqueroso parece impossivel; porque abaterse a Magestade a tocar a immundicia he prodigio com taes circunstancias, que parece impossivel entre as maravilhas: *Dñe jã fœtet, quatriduanus est.*

Joan c. 11.

 Oh

Oh ſoberano abatimento! Oh generoſo deſpreſivel triunfo! Que não lhe parecendo baſtantes as igualdades refulgentes, ſe empenhou nas igualdades mais excelſas! Que juſtificado geroglyfico retratou nas ferventes anſias do Pelicano querendo delinear a caridade hum douto moderno: *Nec ſibi parcit*; não diſpenſa comſigo meſmo as atrocidades para não exercitar as vehemencias. Aſſim a noſſa Auguſtiſſima Rainha naõ perdoou a ſi meſma a ſoberanîa, para naõ executar a mais activa caridadede; poz o triunfante ſolio, abateo o relevante reſpeyto para executar, vencendo da natureſa os fóros, os mais elevados luſidos affectos.

Mas já brada pelos elogîos para accreſcentar os queyxumes a ultima, & mayor circunſtancia da fecundidade, vivente animado padrão da ſua excellencia, & frequente multiplicada liçaõ da noſſa magoa. Em ſette brilhantes eſtrellas illuminou deſte Reyno os tenebroſos horrores, com ſette feliciſſimos partos, offerecendo a Deos o primogenito, ou para mayor victima dos aſſuſtados temores, ou para ſublimidade maravilhoſa dos numeros. Forão ſette, & jà ſaõ ſeis; mas porque haõ de ficar ſó ſeis, ſe podião viver todos ſette? Porque? Porque manifeſtando a ſua grandeſa, foſſem luminoſos emblemas da ſua fecundidade: *Senarius numerus Veneri dicatus, & prolificationi, multiplicationi, fœcunditati, creationi*, advertio Mazzerino; que ſe o numero ſexto foy empreſa de fecundas multiplicaçóes, neſte numero havia de conſtituir as inclytas teſtemunhas. E acertadamẽte ſe ſaõ os Principes eſtrellas, ſe fũdamentárão os noſſos no ſexto numero, pois ſe as eſtrellas de mayor grandeſa ſaõ ſó ſeis, como notou o doutiſſimo Alapide com o commum dos Aſtrologos, não ficava digno lugar ao ſettimo, para luſir no firmamento terreſtre; pois occupem os ſeis o numero de mayor grandeſa, & aſcenda o ſettimo a brilhar nos thronos da Gloria, porque ſe não poſſue digno lugar para a reverencia humana, ſó ſe ha de collocar na habitação divina. Era a noſſa ſereniſſima Rainha florida caſtiſſima açucena, q̃ exhalava os allegoricos attributos da virtude, & ſe

Mazzerin. l. 11. q. 44. ad D. Arg.

Alap. in Gen. c. 1. v. 16.

a pom-

a pompoſa mageſtade da açucena compôem de ſeis folhas a cheyroſa fecundidade; myſterio foy, que açucena tão maravilhoſa publicaſſe em ſeis fruttos a fecundidade ſoberana.

Sem duvida ſe admirou neſta fecundidade o flãmigero exceſſo da miſericordia, pois lembrando Bercorio deſta o remunerado deſvelo, refere, que entre os Medos naſce hũa arvore de qualidade tão prodigioſa, que tirando della hum frutto, renaſce no meſmo inſtante outro frutto: *Quæ arbor tantæ fœcunditatis exiſtit, quòd pomo uno collecto, ſtatim aliud naſcitur, & conſurgit.* Symbolada caridade ſe venera eſta planta, & acertado emblema da noſſa ſereniſſima Rainha, pois não ſó ſe verificou nas eſmolas, mas tambem ſe confirmou nos regios fruttos; dava a luz hum glorioſo Principe, & logo no meſmo inſtante renaſcia outro aſſombro, ſendo em ſucceſſiva dilatada fecundidade myſterioſo prodigio da ſoberania.

Berch. lib. 14 c. 37. de Media.

Não explico aquelle ardentiſſimo zelo, & fervoroſo cuydado, com que aſſiſtindo á educação dos ſereniſſimos filhos, apurou a esfera dos Catholicos deſvelos; porque jà com mais douta penna debuxàrão mais vagaroſamente eſta circunſtancia em dilatadas digreſſões tantos ſubtiliſſimos, & ſabios diſcurſos; ſó digo que neſte ardente eſtudo lhe deve os mayores holocauſtos o Reyno, pois ſe as tyrannias de Nero procederão dos deſcuydos de Seneca, & as meninices de Alexandre provierão das malicias de Leonidas, quanto deve eſte Reyno á noſſa ſereniſſima Rainha, pois para tirar as naturaes inclinações, poz na educação as mais vigilantes anſias. Não como Domiciano, & Chryſippo rigoroſa, não como Timotheo, & Themiſtocles deſcuydada, mas ſim como Fenices, & Eurydice vigilante. Oh ditoſo Reyno! Oh feliciſſimo auſpicio, que ſe o Macedonio Filippo rendeu mais graças aos fabuloſos deoſes, por ter naſcido no tempo de Ariſtoteles Alexãdre, que pela meſma fortuna de ter herdeyro no Imperio; quanto deve eſta Monarquia eſtimar ver luſir ſeus inclytos Principes no tempo, em que para a educação mais ajuſtada brilhou da noſſa Sereniſſima Rainha a piedade religioſa!

Aul. Gel. Noct. Attic.

Mas

Mas para que me canço em retratar as glorias, se nos doze annos que reynou, venero as mayores circunstancias. Aquella arvore do Paraiso ostentou em doze fruttos as suas virtudes: *Afferens fructus duodecim*, & a nossa serenissima Rainha recopilou nos doze annos as mesmas excellécias; vejão a propriedade dos fruttos, notando de Alapide as exposições; o primeyro frutto he a puresa da mente: *Puritas mentium*, & nella resplandeceo a mente mais pura, manifestada na contéplação divina. O segundo he o despreso do mundo; *Abjectio temporalium*, & na benignidade virtuosa despresou a pôpa mundana. O terceyro he a concordia das vontades: *Concordia voluntatum*, & no vinculo mais aprasivel unio das vôtades o dominio mais generoso. O quarto he a fermosura das obras: *Pulchritudo operum*, & digão-no as esmolas, confessem-no as admirações. O quinto he o recolhimento interior: *Collectio internarum virium*, & falem as orações, narrem as penitencias. O sexto he a puresa dos pensamentos: *Munditia cogitationum*, & publiquem-no as virtudes, celebrem-no as soberanias. O settimo he a circunspecção das palavras: *Circunspectio verborum*, & digão-no as magestosas gravidades, & as acertadas resoluções. O oytavo he a quietação dos appetites: *Quies appetituum*, & admire-se nos despresos, veja-se nos cultos. O nono he a transformação em Deos: *Transformatio in Deum*, & diga-o o arrebatado espirito, & o quotidiano recolhimento. O decimo he a impaciencia dos desejos celestes: *Impatientia desideriorum cælestium*, & diga-o a morte na mocidade. O undecimo he o sofrimento das adversidades: *Sustinentia adversitatis*, & diga-o a prodigiosa tolerancia nas doenças. O duodecimo, & ultimo he o solicito affecto das virtudes: *Solicitudo virtutum*, & mostre o nas diligentes educações; porque sendo pasmo dos mysterios, fabrique em doze gloriosos annos a abundancia copiosa dos celestiaes fruttos.

Apoc.22

Alap. ad hũc loc.

E no mystico epiteto de Jerusalem, com que a chora o nosso thema, achamos da vida toda a propriedade; pois se

Jerusalem, como affirma B.rcorio, foy do Rey o throno virtuoso, da piedade o templo clemente, & do povo a santidade abrazada: *Hierusalem fuit sedes æquitatis, quam David tenuit, Templum pietatis, quo cultus viguit, populus sanctitatis, qui Deum coluit*; a nossa serenissima Rainha segurou de Sua Magestade o throno, augmentou da piedade o culto, & amplificou do povo a reverencia com o exemplo. Devidamente se podia repetir ao nosso serenissimo Rey o que disse Plinio no panegyrico de Trajano: *Tibi uxor in decus, & in gloriam cedit; quid enim illâ sanctius? Quid antiquius?* Falava no desposorio de Augusta, o que se refere mais justamente á nossa serenissima Rainha. Foy gloria, foy esplendor, & foy decoro do Lusitano esclarecido Imperio. Quem mais virtuosa? Quem antiguamente mais ajustada? Mas ay que estas memorias só servem de despertar as tristes angustias, que opprimidas na animada prisaõ do peyto buscão ás respirações consolador espaço, sem que se mitigue a pena, sem que se modére a ansia, por mais que despedaçando a diafanidade dos ventos, exhale o coração incessaveis dolorosos gemidos: *Heu, heu, heu, &c.*

Berchor. verb. Hierus.

Plin. in calce Paneg. ad Trajan.

A terceyra, & ultima queyxa he, do que se deve chorar na morte, em cujo arruinador fatal espaço se apura tanto a bisarria do sentimento, que chegando até os ultimos afogos, só dilata a vida para affligidos holocaustos, que na triste pyra da dor mais vehemente consomem as cinzas do sofrimento mais generoso. As memorias afogão, as circunstancias ferem, as faltas combatem, & as infelicidades persistem; mas se ao repetido golpe do martello se fabrica da estatua o memorial adorno, para que no coração se erija da afflicção hũa estatua duravel, fira da pena o martello rigoroso, & collocada nas mais intrinsecas aras do sentimento, eternize em sensitivos padrões o venenoso quebranto. O primeyro passo para a adiantada morte foy a cruel vehemencia da enfermidade, que desconcertando da vivente quietação os alentos, fomentou dura batalha entre os naturaes espiritos. Oh fragilidade humana! Oh pom-

pa caduca, que nada respeytas, nada attendes, tudo prostras, & tudo desbaratas, murchando as flores, ultrajando as bellesas, vencendo as soberanîas, & mudando as Magestades: Mas oh ditoso dominio, se com felices preparações executas as horrorosas temidas crueldades! Pasma neste prodigio supremo, o que soube alcançar em teu golpe infausto, pois apenas os primeyros effeytos da doença ameaçàrão a nossa Augustissima Rainha, quando sem esperar os finaes espaços, pedio devota os Sacramentos; recebeu o Santissimo por Viatico tão anticipadamente, que no repentino abalo do susto tremeu em inquietas magoas o povo. Mas para que, se a enfermidade apenas chegava ao quinto dia, & senão era ainda tão manifesto o perigo, para que fomentou tão procelloso abalo? Mas oh notavel virtude, que lembrada do melhor preceyto, justificou os effeytos daquella hora, para mostrar os finaes da Bemaventurança! Bemaventurados (dizia Christo) serião aquelles, a quem achava vigilantes: *Beati servi illi, qùos cũ venerit Dominus, invenerit vigilâtes.* Mas quaes saõ os deste desvelo? Diga o o mesmo Christo: *Ut cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei.* Aquelles a quem chamando na ultima hora (no commum sentir dos sagrados Expositores) lhe abrirem logo a porta: pois logo sem demora algũa: *Confestim*? Sim: que para lograr a Bemaventurança se ha de anticipar a prevençaõ: assim a obrou a nossa serenissima Rainha; podia esperar mayor perigo, mas quiz logo receber o Viatico, porque conheceo que Deos chamava á porta; & quiz logo logo abrirlha: *Confestim*, porque para indicar a sua bemaventurança, lhe convinha ao primeyro golpe abrir a porta: *Confestim aperiant ei.*

Luc. c. 12

E não foy esta só a causa, senão que quiz com o sagrado escudo da Eucaristia lograr da morte a mais triunfante vittoria, porque neste soberano Sacramento se alcança da morte o mayor triunfo: *Mors mortua tunc est in ligno, qùando mortua vita fuit*, diz a Igreja falando de Christo: que quando faleceo Christo morreo a morte. Mas como? Christo espirou,

logo

logo parece que a morte venceo; pois como deu Christo morte á mesma morte? Como? Chamando por ella, diz meu grande Augustinho, quando inclinou a cabeça sobre o peyto: *Inclinato capite vocavit mortem.* Mayor duvida. O inclinar a cabeça Christo foy espirar, pois como nisto se vio a morte falecer? Sabem porque? Porque Christo inclinou a cabeça sobre o Lado, & do Lado sahirão os Sacramentos: *De latere Christi exierunt Sacramenta*: ah sim! Pois diga a Igreja, que espirou a morte, que se Christo lhe mostrou o lugar do Sacramento, conseguio da mesma morte o mayor triunfo; porque com o sagrado escudo da Eucaristia se logra da morte a mais triunfante vittoria: *Mors mortua tunc est in ligno, quando mortua vita fuit.* Imitou a seu Creador Divino a nossa serenissima Rainha, pois para triunfar da mesma morte publicou o abrazado affecto da Eucaristia, como se dissera: Tu morte ameaças rigorosa, tu ostentas a jactancia temida, pois antes que consigas os sinaes do teu trofeo, hey de desvanecer teu fatal estrago, que se Christo no Sacramento deu morte á tua inclemencia, eu com tão superior abono vencerey a tua impiedade.

D. Aug. in Ioan.

Com esta prevençaõ gloriosa chegou aquelle tremẽdo caliginoso dia para nòs da mayor infelicidade, & para a nossa serenissima Rainha da mayor ventura; pois nem lhe custou os precisos sustos, porque jà em antecedentes receosos vaticinios foy Sua Magestade prognostico destes presagios, trazendo tão viva a lembrança da morte, que vivia nesta commua esperança, ou para não peccar, ou para não temer; mas que muyto, se estava violenta no mundo, & appetecia naturalmẽte o centro? que se apagàrão da luz os resplandores luminosos, se faltassem do fogo os incendios activos. Espirou (oh terribel memoria!) dando ao mesmo tempo desenganos, lastimas, & prodigios; desenganos às mocidades, lastimas aos coraçóes, & prodigios aos respeytos. Dia com circunstancias daquelle final do juizo, se admirou deste dia o furibundo aspecto, pois só naquelle haverà sinaes no Sol, na Lua, & nas Es-

trellas: *Erunt signa in Sole, Luna, & stellis*; aqui se viráo sinaes no sol del-Rey nosso senhor, na Lua da nossa serenissima Rainha, & nas Estrellas dos serenissimos Principes, admirando-se o Sol triste, a Lua eclipsada, & as Estrellas desfalecidas; ao Sol desmayárão funebres lethargos, à Lua escurecerão pallidos horrores, & às Estrellas cobrirão tenebrosos desvelos. Oh cruel dia, que anticipando as sombras da noyte, gravaste no coração as tecidas obscuridades, para perpetuar as inescusaveis gementes magoas!

Mas passemos jà por não dilatar tão vagarosamente a pena á ultima circunstancia da sepultura, em que veremos, senão consolações ao pranto, materia ao menos para o mayor assombro; pois attendendo aos acasos do dia, pasmàrão os portentos da grandesa: foy o mesmo, em que nasceo ao mundo gloriosa, passou ao sepulcro defunta. Bem explicava Job a brevidade da vida, quando disse que se passava do ventre para a sepultura: *De utero translatus ad tumulum.* Que a nossa serenissima Rainha manifestou esta brevidade, não só nos poucos annos, mas nos casuaes prodigios, pois sahio do ventre materno, & no mesmo dia foy tresladada para o tumulo triste. Mas que final da sua excellencia, jà reparada na Divina Sabedoria! *Mulier fortis oblectat virum suum, & annos vitæ illius in pace implebit*; que a molher forte alegra a seu esposo elevada, & enche na paz os annos da sua vida: & quẽ como a nossa serenissima Rainha letificou de seu real esposo a Magestade com tantas glorias, tantos fruttos, tantas virtudes, & tão generosas perfeyções? Para que satisfazendo na vida esta prenda, alcançasse na morte a circunstancia: *Et annos vitæ illius in pace implebit.* Comprindo os annos na paz, pois os comprio na gloria; que particularmente parece que se disse este Texto à nossa serenissima Rainha; pois se esta molher forte he aquella que tras de longe a origem, como diz a mesma Divina Sabedoria: *Mulierem fortem quis inveniet? Procul, & de ultimis finibus pretium ejus*; atbem a nossa serenissima Rainha conduzio dos longes a sua magnificencia,

Prov. 26.

Prov. 31.

cencia, para acreditarse coroada como a molher forte, & com as mesmas circunstancias, que omitto, por evitar prolixidade, & as póde ver o curioso no allegado capitulo.

Discretamente encontrou Santo Isidoro duas mysticas portas no Ceo, hũa no Oriente, & outra no Occaso: *Januæ Cæli duæ sunt, Oriens, & Occasus; nam una parte Sol procedit, alia se recipit:* por hũa parte sahe o Sol, & por outra se esconde, situando-se na mesma esfera a diversidade destas portas. No ceo animado de Sua Magestade resplandeceo esta duplicada porta, pois no mesmo dia em que sahio ao mundo, se recolheo para o Ceo, & a mesma mysteriosa porta que servio para o nascimento, duplicou os effeytos, servindo para o sepulcro. E não sey se reparou jà a curiosidade quanto imitou a seu Divino Creador na morte: pois se Christo espirou na antevespera da Pascoa, a nossa serenissima Rainha faleceo na antevespera da festa, que a Pascoa dos Reys saõ os annos, como objecto de communs plausiveis regosijos.

D. Isid. Et imolog. lib. 3. cap. 39.

E se no dia da Transfiguração, que foy o da sua sepultura, se transfigurou Christo da terra na gloria, tambem a nossa serenissima Rainha se transfigurou do mundo para o Ceo. Motivo parece que tinha para a accommodaticia exposição daquelle Texto, que repetio o Profeta Isaias de Christo: *Et erit sepulchrum ejus gloriosum.* Que seria glorioso o seu sepulcro; & glorioso tãbem o da nossa serenissima Rainha, pois foy no dia da festa, & foy no dia dos disfarces da Gloria; & ainda reparando o lugar do tumulo, inculca ás admirações mayor pasmo. Tresladouse em S. Vicente o corpo do serenissimo Principe seu primeyro filho para o outro lado, & aonde elle estava se collocou da nossa serenissima Rainha o corpo. Pois tem isto mysterio? Sim: que parece foy annunciada esta sepultura pelo Real Profeta: *In Sole posuit tabernaculum suum*, que poz no Sol o seu tabernaculo; & quem? A alma justa, como entende Hugo, ou a caridade, como disse Lorino; mas em que Sol? Responde o mesmo Texto:

Isai. c. 11

Psal. 18.

 Et

Hug. hic. Lorin. hic.

Et ipse tanquam sponsus procedens ad thalamo suo, naquelle Sol, que procedeo de seu thalamo: pois que mayor analogîa se póde encontrar da presente sepultura? Poz a nossa sereníssima Rainha o seu tumulo no Sol: *In Sole posuit tabernaculum suum*, & em que Sol? No que procedeo de seu thalamo: *Et ipse tanquam sponsus procedens de thalamo suo.* Pois se foy aonde estava o sereníssimo Principe, foy no Sol que procedeo de seu thalamo; para que no mysterioso arcano da idéa Divina parecesse esta circunstancia profetizada: *In Sole posuit tabernaculum suum.*

Tambem o nosso Thema publica os assombros da sua gloria, quando repete os ays da nossa magoa; pois no titulo de Jerusalem o descobre o Profeta Isaias: *Surge illuminare Hierusalem: quia ecce tenebræ operient terram, & caligo populos: super te autem orietur Dominus, & gloria ejus in te videbitur.* Anîma a Jerusalem para os triunfos, & diz que no mesmo tempo cobrirão vaporosas nuvens o mundo, & caliginosas sombras o povo; mas que nella com mayor excellencia se admirarà de Deos a gloria. Oh quanto experimentamos este timbre nas mesclas do presente fracaso! Pois vemos que no mesmo tempo que se enlutàrão os corações de penas, subio a possuir as eternas delicias; & no mesmo em que Deos manifestou no Thabor celestial altesa, se admirou em nossa sereníssima Rainha a gloria: *Et gloria Domini in te videbitur.* Oh quanto alcança este successo as propriedades do rayo, pois só no fim se lhe conhece o estrondo; rompe a velocidade do rayo fogosa o funesto thalamo da nuvem obscura, & quando vay faltando nos abrazados ardores, executa no trovão os temerosos brados, & só estrondoso soa, quando desvanecido falta: rayo sublime, & rayo portentoso se venera a nossa sereníssima Rainha no effeyto, pois quando a ausencia nos intîma as saudosas faltas, soão na admiração as prodigiosas maravilhas.

Isai. cap. 60.

Haverà pois em tanta agonia, em tanta falta, em tanta perda, & em tão venenoso tormento, algum lisongeyro poderoso

derosoalivio? Sim: que se como Jerusalem offerece tristesas, tambem como Jerusalem inculca consolações. Quando Jeremias propóem o nosso thema, ameaça antes a mayor ruina: *In die illa peribit cor Regis, & cor Principum*, diz que no dia deste successo pereceria o coração d'el-Rey, & dos Principes, & assim se vio o coração do nosso serenissimo Rey perecendo ao tyranno combate da dor, & tambem os serenissimos Principes publicàrão a terribel ansia em prantos, em desmayos, & em lamentos; mas para tamanho golpe dà S. Jeronymo a El-Rey nosso senhor o lenitivo: *Peribit cor Regis, cujus cor debet esse in manu Dei.* Se pereceo o coração á força da ansia, pondo na mão de Deos a vontade, terà remedio a pena. E se como Jerusalem dà aos serenissimos Principes afflicções, como Jerusalem inculca os alivios nas vozes do Profeta Baruch. Fala Jerusalem na sua magoa, & consola a seus filhos na perda desta sorte: *Animæquiores estote filii, & proclamate ad Dominum: erit enim memoria vestra ab eo, qui duxit vos.* Animayvos, consolayvos filhos, & clamay a Deos, que tereis eterna memoria daquelle, que foy vossa guia. Assim póde dizer a nossa serenissima Rainha desde os etherios thronos da Gloria: *Animæquiores estote filii sustinendo patienter*, verte Lyra: Sofrey com paciencia o golpe, que ha de ser suprema a vossa memoria: *Erit memoria vestra in bonum*, prosegue Lyra. E porque? Porque o mesmo que foy a vossa guia, ha de ser a vossa gloria; na terra nascestes da mais real união, & desta vos provirà a mais resplandecente luz. E do mesmo Deos, que vos prometteo gloriosos: *Ipse respiciet, & videbit*, participareis os esplendores excelsos: *Ab eo, qui duxit vos, idest, à Deo*, acaba Lyra: Porque na fortuna das melhores progenies possais aliviar com a memoria os prantos, que no fatal afogo das lastimas só servem de Deos as memorias, como disse S. Gregorio Nazianzeno: *Non tam sæpe respirare oportet, quàm Dei meminisse*; porque só quem as sabe conhecer, he quem as póde remediar.

D. Hier. in Hier. cap. 4.

Baruch. cap. 4.

Lyr. ad hũc loc.

D. Gregor. Nazianz. de cura paup.

E se notarmos a hum periodo da Divina Sabedoria, veremos nelle incluìdos os successos da sua grandesa: *Et sic in Sion firmata sum, & in Civitate sanctificata similiter requievi, & in Jerusalem potestas mea. Et radicavi in populo honorificato, & in parte Dei mei hæreditas illius, & in plenitudine Sanctorum detentio mea.* Fala a Divina Sabedoria, & diz, que teve em Sião a sua firmesa: *Et sic in Sion firmata sum*; & assim a nossa sereníssima Rainha, que se ao Meyo dia se sitùa Sião, como diz meu Augustinho: *Sion quippe in Meridie*, tambem no Meyo dia està Portugal: *Et in Civitate sanctificata similiter requievi*, aqui se encontra a sepultura na Casa de Vicente santificada: *Et in Jerusalem potestas mea*; o nosso thema inclue este resplandor nas gloriosas analogìas de Jerusalem: *Et radicavi in populo honorificato: Radices misi*, diz Jansenio. E na multiplicação dos sereníssimos filhos deu a este Reyno as melhores raizes; povo honorificado pelo mesmo celestial auxilio: *Ipse respiciet, & videbit*; & *in parte Dei mei hæreditas illius*, diz a Sabedoria que na parte de Deos consignou esta herança, justamente applicado este Texto a esta Monarquia, pois tem Deos na sua herança a melhor parte: *Imperium mihi stabilire. Et in plenitudine Sanctorum detentio mea*, profere ultimamente a mesma Sabedoria, qùe foy entre os Santos a sua detença; & assim a nossa sereníssima Rainha nos primeyros alentos da mocidade passou ao supremo throno da Gloria, que não se havia de dilatar no mundo, porque a sua detença era só no Ceo: *Et in plenitudine Sanctorum detentio mea*: que se Sapientia he o mesmo que Sophia, jùstamente lhe convèm este sentido accommodaticio à nossa sereníssima Rainha, porque desabafando o coração no ardor dos afogos, alcance algum alento nos suspiros.

Eccles. 24.

Mas ay que nada basta para o sentimento, porque não se póde prender o discurso, & nem a alma he facil em se enganar, nem o pensamento docil para se suspender; porque no arrebatado impulso dos sentimentos não ha mayor impossi-

vel

vel que os disfarces; & se Anna chorou com irremediaveis lagrymas do filho ausente as saudades: *Flebat igitur mater ejus irremediabilibus lacrymis*, como serà hũa ausencia sem esperança, hũa pena sem consolação, hum tormento sem alivio, & hũa actividade sem remedio? No eclipse do Sol figurou hum erudito a morte de hum prodigio com esta letra: *Demit nil mihi, sed Orbi.* O mesmo se experimenta no caso presente, como Sol se eclipsou da nossa serenissima Rainha a luz, & se cobrio com funesto vapor; mas não lhe faltão os resplandores, só sente o mundo a falta dos lusimentos, que ao Sol eclipsado não se lhe tira o essencial ardor glorioso, só á terra se lhe usurpa o esplendor lusido: *Demit nil mihi, sed Orbi.* Pois desta perda, desta falta; só fica no coração a memoria, que batalhando contra as constancias do espirito, enfraquece as firmesas do animo, & estalando na escondida habitação do peyto, mandão à voz o exhalado fragmento do suspiro: *Heu, heu, heu.*

Tob. 10.

Temos considerado a mayor esfera da magoa deste funebre panegyrico na turbulenta memoria, temos visto as tres penetrantes espadas nas tres melancolicas ruinas, do que se perdeu no nascimento, na vida, & na morte, & nunca enxuto o formidavel mavioso pranto fulmina em correntes desperdiços o mayor afogo; porque em liquidas victimas da lealdade se manifestem as justificadas adorações da reverencia.

Mas vòs, ò serenissima Rainha esclarecida, jà com melhor diadema (como piamente cremos) coroada desde os elevados thronos que possuhis, podeis mitigar os soluços que causais, se nesse enlutado pyramidal obelisco lembrais as tyrannas memorias do nosso lamento, nesse Empyreo que gozais soberano, podeis inculcar as glorias do remedio appetecido. Como aquella excelsa Molher do Apocalypse brilhais no supremo throno celeste: *Signum magnum apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum duodecim.* Que se foy o Sol seu luzente vestido, se foy a Lua o flammigero calçado, & se

Apoc. 12.

guarnecia de doze brilhantes estrellas da magestosa coroa as triunfantes maravilhas; vòs Augustissimo excelso assombro, vestistes o Sol nas claras luzes, calçastes a Lua nos fecundos rayos, & ostentastes das estrellas a gloriosa diadema, nos doze felices annos da vossa soberania. Rogay ao Altissimo Senhor, que vos exalta pela conservação, que este Reyno deseja, que se aquella Mulher causou ao infernal dragão a mayor ruina; vossos rogos lhe tornarão a vencer a astucia, para que todos nòs ditosos convertamos as tristes magoas em alegrias, os funestos apparatos em applausos, os horrores em gozo, as tristelas em jubilo, as infelicidades em honra, os golpes em delicia, as culpas em graça, & as mortalidades em gloria. *Quam mihi, & vobis præstare dignetur Pater, Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

LAUS DEO.

LICENCAS.

VIsta a informação, póde-se imprimir o Sermão, de que esta petição trata, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença para correr, & sem ella não correrà. Lisboa 19. de Janeyro de 1700.

Castro. Carneyro. Fr.G. Monteyro.

VIstas as informações, póde-se imprimir o Sermão, de que esta petição trata, & depois de impresso tornarà para se lhe dar licença para correr. Lisboa 5. de Fevereyro de 1700.

F.P.B.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrà. Lisboa 8. de Fevereyro de 1700.

Roxas. Oliveyra. M.C.